

A mídia sergipana e as principais estratégias das ONGs em Sergipe, entre 1983-1992

Matheus Pereira Mattos Felizola*
Fernando Bastos Costa**

Resumo

O objetivo principal com esta pesquisa foi estudar os processos comunicacionais dos movimentos ambientais em Sergipe, entre 1983 e 1992, por ter sido esse período o hiato entre o início dos movimentos ambientais em Sergipe e o momento de explosão do conceito de ONGs ligadas ao meio ambiente no Brasil e no mundo. Nos procedimentos metodológicos foram focados a pesquisa bibliográfica, o levantamento nos jornais sergipanos num hiato temporal de nove anos e a análise detalhada da comunicação de dois “movimentos” selecionados. Concluiu-se que a comunicação do movimento ambiental começou com forte impacto nas camadas mais intelectualizadas em Sergipe, que teve nos primeiros anos razoável penetração na mídia, no entanto, no decorrer do processo de assimilação das questões ambientais, vários bloqueios começaram a surgir nos veículos de comunicação de massa, dada a forte presença das construtoras sergipanas como capital financiador dos governos estaduais e municipais.

Palavras-chave: *Mídia. Meio ambiente. Comunicação social. Estratégias de comunicação. Desenvolvimento sustentável.*

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor assistente da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: matheusfelizola@infonet.com.br.

** Doutor em Ciências Sociais, vinculado ao doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: fbastos@ufrnet.br.



Introdução

O campo da comunicação ambiental e sua interação com o ambiente, com a tecnologia e com a sociedade é fundamental para atualização dos problemas das ciências sociais. A ciência ambiental tornou-se um campo fértil para a discussão da grande mídia, a qual, comumente é a arena onde também são travadas as lutas sociais e pautada a agenda política que, de forma contundente, acabam influenciando a opinião pública. A relação entre as empresas particulares e as ONGs em Sergipe é algo marcante. A associação entre as empresas jornalísticas e essas empresas privadas é obviamente ainda mais marcante.

Foi possível perceber nos jornais sergipanos um enfoque dado à relação pacífica entre as organizações e as empresas privadas. Interessante observar esse clima, pois a pesquisa que se iniciou na tese, em 1983, foi realizada muitos anos antes da proliferação do que veio a ser chamado de “marketing ambiental”. Nesse período, já eram percebidas diversas ações estratégicas por parte de grandes empresas locais, como a variável ambiental, que foi inserida nas estratégias corporativas, do mesmo modo como vem se apresentando nos mercados e na economia global. Assim, conceitos como responsabilidade socioambiental, sustentabilidade, marketing ambiental e economia verde ganham espaço crescente nos ambientes empresariais, segundo a visão de Boeira (1998); Borges, M. (1996); Borges, R. (2009); Cavalcanti (1994, 1997, 1998); Chacon (2003).

Embora em um primeiro momento não houvesse uma política de contenção de danos, as empresas poluidoras tinham claro interesse em não divulgar a imagem delas. Em uma análise detalhada da comunicação nas duas primeiras fases do movimento em Sergipe, mais precisamente entre 1983-1999, nota-se que faltava profissionalização na área de comunicação, pois esses grupos não possuíam ferramentas para “gerar pautas” nos jornais. Eles não possuíam conhecimentos mais aprofundados na área de planejamento de comunicação, tampouco ações que aumentassem o poder da “marca” das suas ONGs, na percepção de Brito (2004) e Pereira (2008).

O objetivo com esta pesquisa foi identificar quais foram as principais estratégias de comunicação ambiental no período e como a grande mídia “tratou” esse movimento social, que foi parte integrante de um projeto “mãe” que dissecou o ambientalismo em Sergipe desde o seu nascedouro até os momentos atuais e que originou uma tese de doutorado na área das ciências sociais.

Metodologia

Para facilitar a busca dos dados, a pesquisa foi dividida em duas grandes áreas, que tinham relação direta com os objetivos pretendidos: área 1 → jornais e revistas; área 2 → estrutura dos movimentos ambientais (ONGs, movimentos populares, Oscips e associações) e o modelo de comunicação organizacional adotado, por meio de suas cartas, memorandos, comunicados, agendas, planos, propostas, relatórios, cronogramas, jornais internos dos movimentos ambientais.

Foram investigados, durante sete anos de pesquisa, os seguintes jornais: *Gazeta de Sergipe*¹, de 1972 até março de 2004 (quando o jornal encerrou suas atividades), *Jornal de Sergipe*, de 1978 até 1992; e *Jornal Correio de Sergipe*² de 2004 até 2011. Outros jornais foram citados por nossos entrevistados e ganharam atenção com base no que foi relatado nas investigações iniciais. Foram analisadas, também, edições dos jornais *Tribuna da Praia*³, de 2003 até 2011, o *Portal Infonet*⁴, de 2000 e 2011, e o jornal *Tribuna Cultural*⁵, de 2001 até 2011.

A ideia em buscar esses veículos de comunicação impressa foi no sentido de mesclar diversas fontes, entre os interesses que existem por trás das notícias, focalizando jornais que estivessem mais próximos da realidade das instituições investigadas. Embora a formação do pesquisador seja na área de comunicação, não se procurou nessa análise, fazer juízo de valor das matérias veiculadas nem mesmo analisar discurso ou conteúdo das matérias, pois isso fugiria do objetivo geral, que era analisar o perfil dos movimentos ambientais *stricto sensu*⁶ e socioambientais⁷ em Sergipe.

1 O *Gazeta de Sergipe*, fundado por Orlando Dantas em 1956 e fechando seu ciclo definitivamente em 2004, foi um jornal fundamental para a história de Sergipe. Orlando Dantas era uma das figuras mais interessantes da história de Sergipe. Filho de rica família de usineiros, tornou-se escritor, jornalista, político e defensor do meio ambiente. Em relação à importante história do jornal, existe uma monografia intitulada *Memórias empoeiradas da Gazeta de Sergipe*, das autoras Flávia Martins e Joana Côrtes, do curso de Jornalismo da Universidade Tiradentes (Unit).

2 Jornal fundado em janeiro de 2001, ligado ao grupo político do ex-governador e ex-ministro João Alves Filho.

3 O *Tribuna* foi fundado em 2003, inicialmente como tabloide simples e a partir de 2004 como jornal digital. Seu proprietário, Claudomir Tavares da Silva, foi um dos entrevistados da pesquisa, dada sua atuação na área de meio ambiente, principalmente na cidade de Pirambu, tendo sido participante de vários movimentos sociais. É importante relatar, que na cidade de Pirambu, outra liderança fundamental para o meio ambiente, foi a senhora Dayse Rocha, antiga bióloga do Projeto Tamar na Região e que em 2011 morava no Rio Grande do Sul.

4 O portal *Infonet*, é o mais lido em Sergipe. Com o avanço da comunicação no meio digital, tornou-se imprescindível investigar esse portal, que tem uma coluna dedicada ao tema meio ambiente.

5 O jornal *A Tribuna Cultural* foi criado em 2001, tendo como proprietário o senhor Magno de Jesus.

6 Associações e grupos comunitários ambientalistas que podem ter uma conduta que os classifiquem em profissionais, semiprofissionais e amadores, sob a percepção de diversos atores que serão analisados posteriormente, como Boeira, Viola, Leis, Leff e outros.

7 Na perspectiva de Leis e Viola, (1996, p. 106), “o socioambientalismo abrange uma vasta variedade de organizações não-governamentais, movimentos sociais e sindicatos, que têm incorporado a questão ambiental como uma dimensão importante de ação”.

Traçar esse comparativo pôde auxiliar na investigação de quais os movimentos sociais e ONGs tiveram maior “relevância” ou maior espaço no Estado de Sergipe, embora seja importante observar que os dados oriundos na pesquisa comprovam o fraco envolvimento com a mídia local em assuntos relacionados à área ambiental, em razão da pressão dos grupos políticos e de seus arranjos econômicos que “diminuem” o “interesse” na publicação dos jornais, dado que vai ficar mais claro durante a explanação das notícias.

Área 1: material impresso

Em relação à explanação das notícias, optou-se pela exposição em diversos momentos do texto, embora em um capítulo específico intitulado “A comunicação ou a ‘escomunicação’ ambiental em Sergipe alguns traços da comunicação sejam pontuados. No roteiro (apêndice) criado para selecionar os jornais, buscou-se, inicialmente, fazer uma triagem das matérias relacionadas com o meio ambiente. Caso a matéria tivesse relevância para a pesquisa, era avaliada de forma aguçada. No roteiro, analisava-se se o problema era realmente ambiental, e se fosse, qual o principal tema abordado na matéria; se a matéria tratava de assuntos relacionados com o meio ambiente internacional, nacional ou regional. Caso os dados fossem relacionados com temáticas ambientais regionais, buscava-se analisar quais os movimentos sociais citados.

Em relação aos dados oriundos da internet, principalmente no tocante a análises dos jornais *online*, optou-se pelo mesmo roteiro da investigação dos jornais impressos, respeitando apenas a dimensão da internet como fonte informacional. Tomou-se muito cuidado com os dados, pois como alerta Yamaoka (2010), muitos dados simplesmente desaparecem da rede, deixando apenas um “rastros” na memória dos pesquisadores.

Área 2: comunicação organizacional

Iniciou-se o estudo avaliando o formato comunicacional implantado pelas ONGs. Como objetivo específico da pesquisa, um traço importante foi investigar os formatos de comunicação das organizações examinadas; em outras palavras, para isso foi criado um novo roteiro de investigação (apêndice). O objetivo era descobrir qual o nível de profissionalismo da comunicação organizacional dos movimentos, como eram pensadas as estratégias, se contavam com o apoio de algum profissional especializado na área e qual o impacto das informações para a construção da imagem do Movimento Social, tal como investigado por Moraes

(2000) e Peruzzo (1986, 1998, 2005, 2010, 2011). Para tal intuito, nas entrevistas realizadas com as lideranças do movimento, as perguntas tiveram o enfoque voltado para as ações de comunicação externas e internas. Além disso, nos movimentos mais profissionalizados é que se investigou se a assessoria de comunicação teria relevância para aumentar o impacto das mensagens do grupo.

Partindo desses dados preliminares oriundos das pesquisas nos jornais, iniciou-se uma análise documental realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), na Biblioteca Estadual Epifâneo Dória, no arquivo da Administração Estadual do Meio Ambiente (Ade-ma), na Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh), na biblioteca do Prodemá e nas sedes das principais organizações não governamentais relacionadas à temática da sustentabilidade.

Na percepção de Gohn (1997, p. 266), as fases de um movimento social perpassam, inicialmente, pela análise das carências e metas que devem ser seguidas; pela formulação das demandas, quando o movimento é pequeno, por suas lideranças ou quando se estiver diante de um movimento mais organizado, por suas assessorias ou diretorias; pela política de ingresso de novos voluntários; pela reconfiguração das demandas em reivindicações propriamente ditas; pela organização do movimento (podemos pensar em organogramas e fluxogramas); pelo planejamento estratégico; pelas práticas de comunicação (na ótica da autora de difusão) por meio dos processos comunicacionais: jornais, revistas, palestras, conferências, internet etc.; pela negociação com os intermediários ou interlocutores, que muitas vezes são os próprios políticos apoiadores; e, finalmente, pela consolidação e institucionalização (atualmente pode ser o momento que a instituição deixa de ser ONG e parte para o título de Oscip).

Referencial teórico

A questão ambiental e sua relação com a comunicação

Os próprios ideais do movimento ambiental internacional acabaram influenciando na formulação de agendas multilaterais, que passaram a adentrar a discussão de maneira impactante, pois são carregadas de *slogans* que reforçam a vitrine do “anticapitalismo”, embora os movimentos não tivessem um planejamento alternativo para o futuro da humanidade. Existe, sim, uma grande dificuldade de analisar o movimento ambiental. O próprio Castells (2008, p. 151) também teve dificuldade de interpretar a “política verde”, pois na ótica do autor não parece um movimento

per se, mas, sim, “uma estratégia específica, isto é, o ingresso no universo da política em prol do ambientalismo”. O mesmo autor observa que “por meio dessas lutas fundamentais sobre a apropriação da ciência, do tempo e do espaço, os ecologistas inspiram a criação de uma nova identidade, uma identidade biológica, uma cultura da espécie humana como componente da natureza”. (CASTELLS, 2008, p. 159)

Partindo da primeira premissa de Bauman (2007), de que para a manutenção da sedução moderna deve-se despertar o desejo de insatisfação do consumidor, pode-se entender o ambientalismo como uma nova possibilidade de consumo, de um potencial “ambientalista” que, já tendo suas necessidades básicas vencidas (classe média ou alta), pode começar a consumir produtos cada vez mais saudáveis e respeitadores do meio ambiente. O interesse da população por matérias que chamassem a atenção para as práticas ambientais desastrosas e revistas especializadas na área ambiental surgiram nos últimos anos como alternativas de comunicação segmentada, voltadas para um público que tinha conhecimentos mais refinados, associadas à questão ambiental. Um problema seria como proporcionar à grande massa o acesso a esses veículos especializados e como desenvolver produtos midiáticos (revistas, jornais, conteúdo na internet) por meio das assessorias de comunicação dos movimentos sociais, na visão de Mazzarino (2010, 2011; Moraes (2000); Pinheiro (2008); e Santos (2008).

A mídia sergipana e as principais estratégias das ONGs em Sergipe (1983-1992)

Antes de adentrar o corte da pesquisa, é importante observar que, nos relatos de jornais sergipanos, um dos pontos fundamentais para a questão ambiental no Estado de Sergipe consistiu nas matérias relacionadas com o problema na fábrica de cimento Portland, durante o final da década de 1970 e a década de 1980, segundo dados colhidos de pesquisas anteriores em Oliveira (2008) e Campêllo (2008). Diversas matérias enfocaram o tema em Sergipe. A percepção, após vasto embasamento empírico, é de que, de um lado, essas primeiras organizações tiveram interesse de articular ações para pressionar o setor público; em outros momentos, foi possível perceber, também, um interesse de pontuar na grande mídia seu poder de penetração na sociedade civil (embora com pouco sucesso). Essa tese corrobora a percepção de Rucket (2007), que analisou o ambientalismo no Vale dos Sinos e enfocou, também, o surgimento da Associação Gaucha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), que viria a ser a primeira ONG ambientalista do Brasil. Verificou-se

que o movimento ambiental em Sergipe, em nenhuma das três fases, teve uma ação de planejamento de comunicação. Foram sempre ações isoladas que não reforçaram a marca do movimento.

Nesse primeiro momento foram investigadas, então, as organizações Associação Sergipana de Proteção Ambiental (Aspam) – 1983-1998 – e o movimento Pensar Verde⁸, que nunca foi registrado, mas teve participação fundamental na segunda metade da década de 1980 e início da década de 1990, principalmente por ter sido o embrião do Partido Verde no Estado de Sergipe.

Na segunda metade da década de 1990, o eixo que articulava o próprio movimento estava voltado para a criação de mecanismos de gestão das áreas aonde os governos não chegavam. Nesse período, ocorreu a progressiva ampliação, bem como a diversificação, de organizações populares, com novos modelos organizativos, formados pela mobilização, bandeiras de luta e interação, sempre mais efetiva, entre os mediadores e os interlocutores. Alguns movimentos ganharam repercussão nacional por meio dos processos de formação de suas lideranças populares. Nesse período, iniciou-se a consolidação de vários grupos e entidades locais, sendo que um exemplo dessa ação foi o surgimento da figura de Chico Mendes.

Os formatos de comunicação utilizados pelos movimentos sociais em Sergipe acabaram tendo um formato criativo na primeira fase do movimento. Chama a atenção uma ação estratégica desenvolvida pela Aspam, chamada esse “Mangue é sério”, que se tornou um projeto de divulgação da importância da preservação do mangue da Avenida Treze de Julho, na zona sul de Aracaju. Na ótica de Hannigan (2009, p. 82)

fatores necessários para a construção bem-sucedida de um problema ambiental. Autoridade científica que possa validar o problema, a existência de ‘populizadores’ que combinam ambientalismo e ciência, atenção da mídia, na qual o problema é estruturado, dramatização do problema, incentivos econômicos para uma ação propositiva, recrutamento de um patrocinador institucional que possa gerar legitimidade e continuidade a discussão.

Essa afirmação de Hannigan é fator fundamental para o entendimento do processo comunicacional na primeira fase do ambientalismo em Sergipe. Segundo Lisaldo Vieira (Mopec), *no início, ninguém sabia direito o que era o meio ambiente, nós éramos chamados para discutir tudo relacionado ao tema, eu cansei de aparecer na TV Globo ao vivo para contar*

8 Que nunca foi registrado, mas que teve participação fundamental na segunda metade da década de 1980 e início da década de 1990, principalmente por ter sido o embrião do Partido Verde no Estado de Sergipe).

algum problema. O senhor Genival Nunes (Aspam) também faz essa “leitura”: *No início pouca gente falava sobre o meio ambiente, como nós tínhamos o conhecimento técnico, ficava mais fácil divulgar o problema.* No primeiro momento, é possível afirmar que a comunicação do ambientalismo, em Sergipe, teve pouca ou quase nenhuma estratégia específica por parte das ONGs existentes. Quando indagado a respeito dos processos comunicacionais, Reinaldo Nunes (Pensar Verde) lembra de algumas ações isoladas de mídia, mas sem nenhuma profissionalização do trabalho. Na ótica de Peruzzo (1998, p. 130),

concretamente, a participação popular na comunicação comunitária pode significar, numa gradação crescente: o simples envolvimento das pessoas, geralmente ocasional, no nível das mensagens, ou seja, dando entrevistas, avisos, depoimentos e sugestões ou cantando, pedindo a inserção de músicas e aderindo a concursos; elaborar matérias (notícias, poesias, desenhos); compartilhar a produção global do jornalzinho, do programa de rádio etc.; tomar parte da definição da linha política, do conteúdo, do planejamento, da edição, do manejo de equipamentos; compartilhar o processo de gestão da instituição comunicacional como um todo.

O processo de comunicação dos movimentos como a Aspam, o Mopec e o Pensar Verde, nas décadas de 1980 e 1990, era gerado pela própria liderança, sem conhecimento técnico na área e apenas com a boa vontade característica do próprio movimento. O próprio Mopec, ainda na década de 2000, também não disponibilizava de nenhum mecanismo profissional de comunicação. Algo muito parecido ocorreu com ONGs como Ascatma e ADFA, que mesmo atualmente não disponibilizam de nenhum profissional nem voluntário do movimento. Como ações de produção de tabloides simples na primeira fase, alguns participantes citam cartazes e a confecção de alguns folhetos. Falam também das mobilizações na ruas, com faixas e camisetas de protesto, que eram cobertas na grande mídia em Sergipe. Nenhum movimento teve algum programa específico nas rádios locais. Lisaldo Vieira afirma: *Eu mesmo participei de dezenas de entrevistas nas rádios; esses veículos eram importantes, pois possibilitavam atingir as camadas populares.*

Sobre essa ação dos movimentos populares, Peruzzo (1986, p. 130) afirma:

Os movimentos populares têm seus Relações Públicas que são intelectuais por vezes sem escolaridade formal, mas que sabem traduzir a proposta da hegemonia dos dominados. De sorte que o

intelectual Relações Públicas da classe dominada não é contratado, um assalariado, simplesmente, da classe dominada. Ele tem que ser muito mais do que isso, ele precisa ser orgânico.

Quando indagados a respeito da não contratação de profissionais, os ambientalistas da primeira fase são unânimes em afirmar que faltava verba para contratação de pessoal e também interesse de comunicadores em ajudar. Nesse ponto, Lisaldo Vieira (Mopec) afirma: *Na fundação do Mopec, tínhamos uma jornalista, Kátia Santana, que participava das reuniões; ela chegou a fazer algum trabalho, mas depois acabou deixando a organização.* Na primeira fase do movimento, nunca houve um trabalho de assessoria voltado para a construção de *releases*⁹ para a imprensa, ou mesmo que buscasse auxiliar o movimento na construção de pautas específicas. Algo que dificultou bastante as ações de coleta de dados foi a falta de uma *clipagem*¹⁰ por parte dos movimentos, com exceção da sociedade Semear, da Adcar, e de algumas reportagem do Mopec, que forneceram uma parte do seu acervo. A maior parte dos jornais que citavam lutas e anseios dos movimentos sociais estudados foi descoberta por meio de pesquisas nos próprios veículos de comunicação, pois os próprios movimentos da primeira fase não possuem acervo. É importante analisar que nessa primeira fase do ambientalismo em Sergipe havia real interesse na exposição dos problemas ambientais; esses estudantes e populares precisavam “gritar” para chamar a atenção das pessoas sobre os riscos da problemática ambiental no Estado, pois na ótica de todos os entrevistados não havia qualquer noção do perigo ambiental no Estado.

Em uma pesquisa importante para o meio ambiente em Sergipe, Campêllo (2007, p. 185) analisa quantitativamente as matérias relacionadas com o meio ambiente no jornal *Gazeta de Sergipe*, entre 1972 e 1992, e em relação aos movimentos ambientais afirma.

Os movimentos sociais, dentre eles associações de bairros e entidades ambientalistas, foram ouvidos em 4% do total das matérias. Uma das possíveis causas da baixa procura destes movimentos como fonte para as notícias é a dispersão destes, gerando a desproporção da notícia. Os movimentos sociais foram ouvidos em temáticas como ‘Poluição’, ‘Devastação’, ‘Convênio’, ‘Projeto’ e ‘Estudo’. Os convênios, projetos e estudos divulgados pelo jornal tiveram em suas grades, professores pesquisadores da UFS e

9 Documentos simples repassados pela assessoria dos movimentos sociais, voltados para informar, anunciar, denunciar, esclarecer temas relacionados com a área ambiental. Os textos ganham caráter oficial e poderiam ter servido de motivo para a inserção de temas emergentes para o meio ambiente em Sergipe.

10 Registro de todos as matérias, inserções na televisão e no rádio, mais recentemente matérias na internet, em que o movimento social foi citado. Esse registro organizado é fundamental para fazer um registro histórico dos caminhos de determinado grupo. Infelizmente, esse material não foi organizado pelos primeiros movimentos em Sergipe; as lideranças tinham apenas um ou outro jornal espalhado, mas sem nenhum trabalho de arquivamento.

membros de movimentos ambientalistas do Estado, como a AS-PAM. Isso nos remete a uma característica importante do perfil dos líderes e dos movimentos ambientalistas do Estado; eram, na sua maioria, intelectuais e pesquisadores ligados à academia.

No dia 30 de setembro de 1984, o *Jornal de Sergipe* trouxe em sua capa a notícia da morte de uma árvore, e o então presidente da Aspam, Clóvis Franco, mandou mudas novas para plantar no local. A matéria alerta que a árvore foi “assassinada” com a injeção de produtos químicos. Essa matéria retrata que existia na cidade certa preocupação ambiental. Faixas pretas foram colocadas no local (que ficava próximo ao centro da cidade), mostrando que existia por parte desses ambientalistas noções sobre as leis ambientais. Na matéria, tenta-se pressionar a prefeitura para tomar atitudes contra os agressores. Algumas matérias acabam enfocando temas transversais¹¹, relacionadas com o meio ambiente, sem fazer uma reflexão mais aprofundada ou dar espaço para os ambientalistas sergipanos se manifestarem. Mesmo nessa entrevista, não aparece em nenhum momento a figura do assessor de comunicação do movimento, o que comprova que as lideranças serviam de “relações públicas” dos movimentos ambientais em Sergipe. Um dado que corrobora a análise de Campêllo é que nessa reportagem apenas Clóvis Franco é ouvido de forma contundente.

Mesmo nos dias relacionados diretamente à temática ambiental (como o Dia da Floresta – 21 de março; o Dia da Água – 22 de março; o Dia Mundial do Meio Ambiente – 5 de junho; o Dia do Protetor de Florestas – 17 de julho; o Dia da Árvore – 21 de setembro; o Dia Mundial sem carro – 22 de setembro; o Dia da Natureza – 4 de outubro), os movimentos ambientais em Sergipe não tiveram grande exposição na mídia. Essa informação traz duas importantes análises: a primeira é a de que realmente o tema “meio ambiente” não fazia parte dos interesses dos jornais sergipanos; a segunda leva à reflexão de que faltava planejamento de comunicação das ONGs do período em enviar *releases* nas datas comemorativas, alertando sobre problemas ambientais no Estado.

Em 31 de julho de 1988, na edição do *Jornal de Sergipe*, a matéria indicava perigo na área do 13 de Julho (bairro nobre de Aracaju),

11 Na edição do *Jornal de Sergipe* do dia 30 de novembro de 1982, há uma matéria que retrata o primeiro encontro ligado à área ambiental no Estado – o IX Encontro de Órgãos Estaduais do Meio Ambiente do Nordeste, promovido pela Sudene e pela Secretaria Especial do Meio Ambiente, do Ministério do Interior, com apoio e participação da Adema de Sergipe. O principal foco de discussão ambiental nesse momento, em Sergipe, era o decreto de desapropriação da Serra de Itabaiana. O próprio jornal alerta que a Serra estava sendo “queimada, cortada, servindo de material para firmas de construção após 4 anos de muita badalação e pouca ação”. Na edição de 30 de setembro de 1989, relata-se a falta de água na região de Nossa Senhora das Dores; na do dia 26 de setembro de 1989 noticia-se que a greve dos pescadores causou a diminuição dos peixes; na do dia 10 de agosto de 1989, há matéria relacionada com a matança de milhares de peixes e camarões; na do dia 9 de agosto de 1989, há denúncia de que o parque da sementeira só serve aos ricos.

Obs: O que chama a atenção é que todos esses assuntos envolvem questões ambientais, mas em momento algum as ONGs sergipanas foram convidadas a debater o assunto.

mostrando problemas ligados à questão do lixo e avanço de água do mar. Na edição seguinte, observam-se dados sobre a reserva de Santa Isabel, em local conhecido como “ponta dos mangues” e que estava tendo problemas com relação à invasão de casas em terreno do Ibama onde as tartarugas marinhas faziam sua desova.

Tanto o Mopec como a Aspam participaram de atos públicos relacionados com a questão do aterro da 13 de Julho. Na edição de 6 de junho de 1991 do jornal *Gazeta de Sergipe* noticiou-se o esforço dos grupos para impedir a atitude de aterrar uma área de mangues importante para o ecossistema da região. Quanto a essa ação, Genival Nunes (Aspam) lembra que a população local estava do lado dos grupos ambientais. Ele cita, inclusive, que, em uma das passeatas do início da década de 1990, eles chegaram a passar no calçadão do bairro e “receberam aplausos e papel picado”.

Como conclusão, é possível indicar que na década de 1980, dada a falta de profissionalismo na área de comunicação das ONGs locais, muitas matérias não contavam com a participação das lideranças, não por falta de interesses dos órgãos da imprensa, mas da ausência de uma assessoria mais profissionalizada para buscar pautas que fossem importantes para a causa ambiental. Essa situação da falta de profissionalismo só mudou na terceira fase do ambientalismo.

A Aspam ainda teve algumas matérias ligadas ao tema ambiental no Estado relacionados à defesa dos mangues no interior do Estado, principalmente no litoral sul, à preservação da serra de Itabaiana e do mangue da 13 de Julho. Fez ainda uma denúncia no *Jornal da Cidade*, na edição de 10 de abril de 1994, retratando a problemática da obra da orla da Atalaia-Aracaju.

Um pensamento de Giddens (2010, p. 152) chama atenção, pois vai de encontro, basicamente, a esse pensamento das organizações populares: “As ONGs gostam de se retratar como o ‘zé-povinho’ enfrentando os gigantes da indústria, mas, na verdade, sua influência tornou-se muito grande.” Evidentemente que a análise de Giddens estava ancorada na arena da comunicação na Europa, pois no nordeste sergipano, em nenhum momento, as ONGs tiveram estruturas tão grandes nesse período, embora seja possível concordar com o poder de influência técnica, pois, segundo todos os entrevistados, a opinião das ONGs era respeitada pela grande mídia.

Outra questão importante no período foi a pouca influência das empresas privadas na comunicação ambiental. Esse ponto foi abordado por Leis e Viola (1996, p. 108):

Na segunda metade da década de 80 constitui-se também um setor empresarial que, tanto em termos de seu impacto sobre o debate ambiental, quanto de sua influência sobre as políticas econômicas, deve ser considerado relativamente o mais fraco dos cinco setores do ambientalismo multissetorial, mas de grande importância estratégica.

Lisaldo Vieira (Mopec) também abordou esse ponto na entrevista: *No início nem mesmo as empresas sabiam o perigo das notícias envolvidas com o meio ambiente, as empresas não tinham especialistas tratando do assunto antigamente. As empresas privadas sergipanas não tinham conhecimento aprofundado da questão ambiental na década de 1980 e início da década de 1990. Somente a partir da Rio-92 e do início da pressão nacional contra os abusos ao meio ambiente é que essas instituições tornaram o meio ambiente um assunto pautado pelas suas assessorias de comunicação e desenvolveram estratégias mercadológicas voltadas para aumentar a respeitabilidade em razão das suas práticas.*

Uma pesquisa importante para entender o movimento ambiental em Sergipe foi realizada por Oliveira (2008), que investigou a Associação de Moradores e Amigos do Bairro América (Amaba), fundada em 1983, mas que, na verdade, lutava contra o problema da poluição oriunda da fábrica de cimento Portland. Desde a década de 1970, esse movimento, embora tenha grande relevância, não foi estudado, dada a falta de uma liderança que tivesse participado por mais tempo da luta ambiental e, principalmente, da brevidade de suas ações. Mas é importante fazer essa ressalva, pois demonstra que mesmo na década de 1970 já havia conflitos ambientais em Aracaju. Uma questão que chama a atenção na análise do movimento ambiental em Sergipe foi o formato comunicacional das ações da Amaba. Embora Oliveira (2008, p. 96) não tenha aprofundado o estudo na área da comunicação, ela traz um importante relato do tipo de manifestação desse grupo:

As principais estratégias de atuação junto aos moradores foram abaixo-assinados, passeatas, faixas, pichações nos muros da fábrica, entrevistas aos jornais e emissoras de rádio, depoimentos nas missas, panfletos, carros de som para convocar os moradores para as reuniões, encenações de grupos de teatro nas escolas e cartazes.

Oliveira (2008) ainda relata que a Amaba ainda contou com a ajuda dos professores da UFS e da imprensa local para relatar todos os problemas surgidos com a construção da fábrica de cimento Portland. Chama

atenção o espaço cedido na mídia para a divulgação dos problemas sofridos com a chegada da fábrica de cimentos.

Afere-se, nessa visão de Oliveira, que a participação das ONGs, no primeiro momento do ambientalismo em Sergipe, esteve associada à comunicação popular e à maior aproximação com os formadores de opinião internos nas comunidades. Esse formato de comunicação foi percebido por outros autores, como Massoni (2007, p. 105): “Esses movimentos sociais se organizaram simplesmente a partir de uma interface, uma conexão com os interesses e necessidades atuais dos atores em relação a uma problemática particular que os mobilizou”. Os movimentos, nessa primeira fase, não tinham noção de planejamento de comunicação e provavelmente por isso não tiveram maior poder de penetração nos veículos.

Conclusão

A legitimação efetiva da discussão ambiental aumentou o debate entre a sociedade civil e os governantes. Embora aparentemente essa possibilidade tenha gerado um impacto objetivo das reivindicações no Estado, acabou “legitimando”, também, as exigências de diálogo entre os governantes e a sociedade civil, encontrando eco nas associações entre a esfera científica e o próprio discurso ambiental. O grande problema aparente, em Sergipe, foi que essa associação diminuiu bastante o poder de contestação dos movimentos ambientais no Estado.

Uma questão fundamental para análise é qual o público-alvo da comunicação, pois as ONGs atuam tanto focadas em comunicar suas realizações aos próprios envolvidos diretamente em assuntos relacionados a elas, como à comunidade assistida e circunvizinha. Está focada, também, em atingir a sociedade em geral, mediante a divulgação de manifestos contra determinada ação criminosa, de denúncias de irregularidades, bem como comunicar à sociedade sobre ações promovidas pela empresa. Quando se fala em comunicação, fala-se também de ações voltadas para a comunicação interna, ou seja, como as organizações discutem com seus voluntários, ou funcionários, no caso da Oscip. Também se pode falar das ações pontuais focadas na comunicação voltada para os parceiros que financiaram alguma ação das ONGs ou mesmo na comunicação dirigida aos parceiros institucionais. Na verdade o máximo que se faz é uma prestação de serviço de contas.

Esta pesquisa permitiu perceber o forte aumento da discussão ambiental a partir de 1983, após o surgimento da Aspam. O movimento ambiental sergipano conviveu com as mudanças na estrutura política brasileira pós-regime militar. O surgimento e o desenvolvimento do

ambientalismo estiveram ligados ao surgimento do Partido Verde no Estado, com as discussões ecológicas do PT, com o aumento do espaço da mídia massiva. Pode-se afirmar que os movimentos populares tiveram forte participação na construção do ambientalismo no período, sendo fundamentais para a própria ‘leitura’ do terceiro setor no Estado, entretanto a sociedade civil organizada não chegou a questionar a estrutura de poder e os meandros da luta política em Sergipe. Por meio dessa percepção, o movimento social em Sergipe acaba gerando nova perspectiva de cidadania, mas, ao mesmo tempo, sem uma percepção política mais avançada de reflexão, pois suas estratégias estiveram basicamente a serviço de interesse de determinados grupos políticos.

The media in the Brazilian State of Sergipe and the major NGOs' strategies from 1983 through 1992

Abstract

This paper reports on a study of the communication processes of environmentalists in Sergipe from 1983 through 1992. This period refers respectively to the beginning of environmental movements in Sergipe and a boom in NGOs targeting environment concerns in Brazil and worldwide. The methodology focused on bibliographic research, a survey of state newspapers from this nine-year period, and a detailed analysis of the communication involving two “movements”. The results show that communication from the environmental movements started with a strong impact within the more intellectualized strata of Sergipe, and had considerable media penetration in the first few years. However, several obstacles emerged in the mass communication channels throughout the process of assimilating environmental issues. The primary cause was rooted in the strong influence of the state’s construction companies, which have provided substantial funds to the municipal and state governments.

Keywords: *Media. Environment. Social communication. Communication strategies. Sustainable development.*

Referências

BAUMAN, Zygmund. Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOEIRA, S. L. Crise civilizatória & ambientalismo transetorial. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 16, n. 23, p. 71-102, abr. 1998.

BORGES, Maria Angélica. Novo liberalismo, estado e capitalismo de estado: o debate de Gudin com Marx. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 26, n. especial, p. 181-208, 1996. Disponível em: <<http://www.usp.br/estecon/index.php/estecon/article/view/574/283>>. Acesso em: 22 maio 2010.

BORGES, Rafael Gonçalves. Arca e Fundação O Boticário: uma perspectiva sobre o movimento ambientalista contemporâneo (1980-2000). 2009. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás (UFG), 2009.

BORGES, Rafael Gonçalves. Identidade e meio ambiente: possíveis aproximações entre indigenismo e ambientalismo. In: NONO ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 2010, Goiânia. *Anais...* ANPHLAC, 2010.

BRITTO, D. F. A representação social do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto no discurso midiático. In: REGIOCOM: colóquio internacional de comunicação para o desenvolvimento regional, 9, 2004. Araçatuba. *Anais...* Araçatuba: Regiocom, 2004.

CAMPÊLLO, Lorena de O. S. Conflitos sociais e meio ambiente em Sergipe: levantamento de fontes impressas para a história ambiental de Sergipe. *Caderno de Resumos do VI Congresso de Iniciação Científica*, São Cristóvão 2004. *Anais...* São Cristóvão: Ed. Universidade Federal de Sergipe, 2004.

CAMPÊLLO, Lorena de O. S. O meio ambiente em preto e branco: a mensagem ambiental nas páginas do jornal *Gazeta de Sergipe* (1972-1992). 2007. 230 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2007.

CAMPÊLLO, L. de O. S. A Rio-92 nas páginas dos jornais da Cidade e *Gazeta de Sergipe*. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE HISTÓRIA, 25. São Cristóvão 2005, *Caderno de Resumos*: GTs, GDs, mesas, minicursos e comunicações, 2005. p. 1-45.

CAMPÊLLO, L. de O. S.; FREIRE, Eliane Oliveira de Lima. Informação ambiental, cidadania e qualidade ambiental em espaços urbanos: os casos da Fábrica de Cimento Portland de Sergipe e da Lixeira da Soledade. In: SOUZA, Rosemeri Melo e; SOARES, Maria José Nascimento. (Org.). *Sustentabilidade, cidadania e estratégias ambientais: a experiência sergipana*. São Cristóvão: Editora UFS, 2008, p. 7-251.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade: a era da informação, economia, sociedade e cultura*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v. 2.

CAVALCANTI, Clóvis (Org.). *Meio ambiente e políticas públicas*. São Paulo: Cortez, 1997.

CAVALCANTI, Clóvis (Org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. São Paulo: Cortez, 1998.

CAVALCANTI, Clóvis et al. (Org.). *Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. INPSO/FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais, Fundação Joaquim Nabuco, Ministério de Educação, Governo Federal, Recife. 1994. Disponível em: <<http://168.96.200.17/ar/libros/brasil/pesqui/cavalcanti.rtf>>. Acesso em: 22 maio 2010.

CHACON, Suely. S. Reflexões sobre a crise ambiental: uma viagem até suas origens e um encontro com as soluções. *Revista do Centro de Ciências Administrativas*, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 66-75, 2003.

GIDDENS, Anthony. *A política da mudança climática*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

HANNIGAN, John A. *Sociologia ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LEIS, Hector; VIOLA, Eduardo J. *O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização*. Blumenau: Gaia, 1996.

MASSONI, Sandra. Processos midiáticos e movimentos sociais como fenômenos ressonantes: o sentido a partir de um olhar comunicacional. In: FERREIRA, Jairo; VIZER, E. (Org.). *Mídia e movimentos sociais*. São Paulo: Paulus, 2007.

MAZZARINO, Jane Marcia; LEIPNITZ, C. A. Educomunicação socioambiental no processo de criação audiovisual na ONG Abaquar Brasil. *Destques Acadêmicos*, v. 1, p. 45-56, 2010.

MAZZARINO, Jane Marcia; *et al.* Contribuições para estratégias de comunicação ambiental comunitária. In: ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL, 1. 2011, Aracaju SE. *Anais...*, Aracaju SE: UFS, 2011.

MAZZARINO, Jane Marcia; *et al.* *Processos de comunicação e representações sociais sobre meio ambiente: contribuições para estratégias de educação ambiental. Práticas ambientais e redes sociais em resíduos sólidos domésticos: um estudo interdisciplinar*. Lajeado RS: Univates, 2010. Impresso.

MAZZARINO, Jane Marcia; FARIAS, Alessandra Marlice de Brito; POLIS, Estêvão. Comunicação para educação ambiental e metodologia participativa: percursos exploratórios. *Caderno Pedagógico* Lajeado, v. 7, p. 9-20, 2010.

MORAES, Dênis de. Comunicação virtual e cidadania: movimentos sociais e políticos na Internet. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 142-155, 2000.

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. Davi contra Golias: a luta dos moradores do bairro América para fechar a fábrica de cimento Portland (1975-1984). *Jornal da Cidade*, Aracaju, ed. esquincentenária, 17 mar. 2005.

OLIVEIRA, Valéria Maria Santana. Movimento social e conflitos socioambientais no Bairro América-Aracaju-SE: o caso da companhia de cimento Portland de Sergipe (1967-2000). 2008. 172 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente) – São Cristóvão-Sergipe. Prodepa-UFS, 2008.

PEREIRA, Carina Cerutti. *O discurso ambiental como “marketing verde”: um passeio pelo o que é lido e visto nas mídias*. 2008. 50 f. Dissertação (Especialização em Educação Ambiental) – Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), Santa Maria, RS, 2008.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. In: DEL BIANCO Nelia; *et al.* (Org.). *Políticas de comunicação e da cultura: contribuições acadêmicas e intervenção social*. Brasília: Casa das Musas, 2010. v.1, p. 147-163.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Relações públicas nos movimentos sociais e nas “comunidades”: princípios, estratégias e atividades. In: KÜNSCH, Margarida M. Kohling. (Org.). *Relações públicas: história, teorias e estratégias nas organizações contemporâneas*. São Paulo: Saraiva, 2009. v. 1, p. 417-434.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. In: MENDONÇA, Maria Luisa M. de (Org.). *Mídia e diversidade cultural: reflexões e experiências*. Brasília-DF: Casa das Musas, 2009. v. 1, p. 53-73.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. *Relações públicas no modo de produção capitalista*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1986.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. *Comunicação nos movimentos populares*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. *Revista Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, a. 26, n. 43, p. 67-84, 1º sem. 2005.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling (Org.). *Vozes cidadãs: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América latina*. São Paulo: Angellara, 2004.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Desafios da comunicação popular e comunitária na cibercultur@: aproximações à proposta de comunidade emergente de conhecimento local: Ofícios Terrestres: *Revista de Ciências Sociais desde la Comunicación y la Cultura* (UNLP), v. 27, p. 1-24, 2011.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Desafios da comunicação popular e comunitária na cibercultur@: aproximações à proposta de comunidade emergente de conhecimento local. *Ciberlegenda* (UFF. online), v. 25, p. 82-99, 2011.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. Novos movimentos sociais econômicos: economia solidária e comércio justo. *Otra Economía: revista latinoamericana de. economía social y solidaria*, Buenos Aires, v. 2, p. 74-92, 2008.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti; PICCIN, M. B. Movimentos camponeses e questões ambientais: posituação da agricultura camponesa? *Extensão Rural*, Santa Maria, v. 15, p. 5-36, 2008.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. Movimentos sociais: abordagens clássicas e contemporâneas. *CSOnline*, Juiz de Fora, v. 2, p. 84-105, 2007.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. Processos de diferenciação dos movimentos sociais do campo no Sul do Brasil: identidade, articulação política e projeto. *Raízes: revista de ciências sociais e econômicas*, v. 26, p. 46-58, 2007.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo . Nordeste Verde: um panorama da agenda midiática sobre meio ambiente na região. In: MARQUES DE MELO, José. (Org.). *Mídia, Ecologia e Sociedade*. 1 ed. São Paulo: Intercom, 2008, v. 1, p. 11-465.

RÜCKERT, Fabiano Quadros. *História e memória do ambientalismo no Vale do Rio dos Sinos*. 2007. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos. São Leopoldo, 2007.

SANTOS, Lilian da Silva. *O papel da Comunicação na captação de recursos em organizações não-governamentais: os casos as associações viva e deixe viver e da APAE de São Paulo*. São Paulo, ECA/USP, 2008.

YAMAOKA, Eloi Juniti. O uso da internet. In: DUARTE, J.; BARROS, A. T. de. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2. ed. 4. reimp. São Paulo: Atlas, 2010.

Enviado em 27 de agosto de 2012.

Aceito em 27 de setembro de 2012.